

INVENIRE

REVISTA DE BENS CULTURAIS DA IGREJA N.º 8 Jan.-Jun. 2014 | 9 €

CLAUSTROS CATEDRALÍCIOS
cenário de enterramentos e procissões

OLIVIER DE GAND
novos dados

portfolio PÚLPITOS SEISCENTISTAS
INVENTÁRIO **caderno**



O INVENTÁRIO

legado e



Luiz Keil

(1881–1947)

por RUY VENTURA

Portalegre e o seu distrito devem alguns favores a Luiz Keil. Na segunda década do século XX, foi ele quem descobriu num alfarrabista de Lisboa o manuscrito original do *Tratado da Cidade de Portalegre*, redigido entre 1616 e 1619 pelo padre Diogo Pereira Sotto Maior, capelão da catedral dessa diocese; foi, além disso, em 1919, o primeiro editor desse documento importantíssimo, que hoje se guarda na Biblioteca Municipal da urbe alentejana. Em 1941 assinou o primeiro estudo dedicado ao conjunto de paramentos ingleses de inícios do século XVI, pertencentes à sé. Dois anos depois, publicou o volume dedicado ao distrito de Portalegre do *Inventário Artístico de Portugal*, com a chancela da Academia Nacional de Belas-Artes. É hoje uma raridade bibliográfica, embora os seus textos e imagens possam ser consultados num dos *cd-roms* editados em 2000 pela mesma instituição (leitura tornada, contudo, difícil, por catorze anos de desactualização tecnológica).

O volume escrito por Luiz Keil é um instrumento indispensável para quem queira estudar o património do Norte Alentejano. Não se trata, porém, de um trabalho que hoje satisfaça os investigadores que estudam os monumentos e obras de arte existentes nos quinze concelhos que compõem o distrito portalegrense. Tendo mérito, foi pensado e escrito com exigência, rigor e critérios distintos dos actuais. Veio a lume na mesma época em que tantos monumentos eram “purificados” pelo Estado Novo e pelas suas “autoridades artísticas”. Este estudo de 1943 é, assim, um documento do seu tempo.

Quem conheça verdadeiramente o terreno sabe que Keil esteve longe de abranger todo o património aí existente. Muitas localidades e edifícios, até no concelho de Portalegre, não mereceram a visita do inventariador - deixando na sombra peças de primeira importância. Houve obras de arte que mereceram escassa ou inexistente menção, sobretudo as que mostravam um carácter

mais popular ou vernacular (lembro, por exemplo, o importante conjunto de esculturas integráveis nos chamados “barros de Portalegre”). Outras, o académico não conseguiu ou não quis entender, atribuindo-lhes uma adjectivação reprovadora que, nalguns casos, contribuiu para o seu abandono ou destruição.

Importante repositório de informações, o inventário deve ser olhado com muita distância, como ponto de partida e nunca de chegada. Mereceria ser revisto e reeditado por uma equipa pluridisciplinar que lhe desse outra profundidade e consistência. ■

António Nogueira Gonçalves

(1901–1998)

por MARIA DE LURDES CRAVEIRO

António Nogueira Gonçalves associa-se a Coimbra onde foi padre, professor, conservador principal do Museu Machado de Castro (a partir de 1942 e substituindo Vergílio Correia), investigador incansável e de variados interesses. Atravessando a quase totalidade do século XX, Nogueira Gonçalves foi herdeiro de uma cultura de crescente protecção estatal face ao Património e de uma geração oitocentista marcante na construção de uma identidade remetida ao “estilo” (de calculada incidência sobre o “manuelino” e o “românico”), na prática activa do restauro sobre o reabilitado “monumento histórico”

ou na historiografia artística onde pontificam nomes como, sobretudo, Joaquim de Vasconcelos. Daqui colheu também a experiência do cientismo positivista, cujos resultados elevou aos mais credenciados níveis, quer pelo recurso sistemático à interdisciplinaridade dos saberes como a História, a Heráldica, a Epigrafia, a Paleografia ou, em avisada e arguta metodologia, a Fotografia, quer ainda pela observância contínua da análise directa sobre as obras.

A gestão de um conhecimento sustentado por cerrada opção formalista levou-o, no confronto inteligente e disciplinado das obras, a cimentar a dimensão de rigor e exigência científica que faltava ainda à historiografia artística portuguesa na primeira metade do século. Os seus primeiros textos alinham uma paixão



QUE FEZ...

memória

que o conduziria ao românico de Coimbra mas também ao investimento sobre outras épocas (com particular destaque para o Renascimento) e a diferente matéria plástica (desde a arquitectura, à escultura, à cerâmica, aos têxteis ou à ourivesaria). Dos mais de três centenas de textos publicados, muitos permanecem com justificado reconhecimento de inovação e constituem referências validadas até hoje.

Os volumes dos Inventários são a expressão de uma necessidade historiográfica com incidência precisa sobre o Património, agora dotado com uma observação cirúrgica dirigida à obra; são, na realidade, o primeiro momento claro em que a inteligência portuguesa trabalha os conceitos patrimoniais numa abrangência que vai para além do edificado, das obras classificadas ou dos grandes "expoentes identitários". O trabalho modelar de Nogueira Gonçalves nos Inventários da Cidade de Coimbra (apenas esboçado por Vergílio Correia - 1947), do Distrito de Coimbra (1952) e de Aveiro (1959, 1981, 1991) carrega a viagem, a ferramenta essencial da "ficha de inventário" e implica sempre a organização de um conhecimento exaustivo, variado e complexo. ■

Túlio Espanca

(1913-1993)

por ARTUR GOULART

Túlio Espanca é sobejamente conhecido por quem se dedica a estudos do Património e da História de Arte em Portugal. Autodidacta, espírito curioso e trabalhador, investigador incansável, autor de um sem número de artigos e estudos sobre história e arte no boletim municipal *A Cidade de Évora* de que foi fundador e director durante muitos anos, ou nos *Cadernos de História e Arte Eborense* e, sobretudo, nos volumosos livros do *Inventário Artístico de Portugal*, dedicados ao Concelho, ao Distrito de Évora, e ao Distrito de Beja, primeira parte. Infatigável divulgador, organizou inúmeras exposições sobre a Arte em Évora, proporcionando o conhecimento de um rico acervo raramente visível e difícil de reunir por ser constituído, em grande percentagem, por peças de colecções particulares. Os respectivos catálogos, sem a qualidade gráfica e fotográfica que hoje é habitual, continuam a ser referência no estudo, proveniência e identificação de obras de Arte. Além disso, manteve ciclos de visitas guiadas aos monumentos civis ou religiosos da cidade. Aí manifestava toda a sua mestria. Fundamentado

na história, experiente e seguro nas classificações artísticas, minucioso nas descrições, atento aos pormenores, tudo condimentava com saborosas estórias de uma memória invulgar e de um profundo conhecedor dos costumes e das gentes.

Para a equipa que tem estado a inventariar o património artístico móvel da Arquidiocese de Évora, agora em fase final do trabalho de campo, no que respeita ao Distrito de Évora, o *Inventário Artístico de Portugal*, da autoria de Túlio Espanca, tem sido imprescindível. Pudemos constatar a justeza das palavras do Prof. Reynaldo dos Santos no Preâmbulo do I volume, referente ao concelho de Évora: "a Academia Nacional de Belas Artes confiou ao académico correspondente Senhor Túlio Espanca a sua realização, pela confiança que lhe merecia a sua obra de investigador, um dos mais dedicados à história da nobre cidade." E, logo ao terminar: "Pela informação segura do texto e larga ilustração dos monumentos e obras de arte da cidade, reflecte a competência e dedicação do



autor, ao qual não só a Academia mas a própria Nação devem ficar gratas por este enriquecimento da obra monumental que é o *Inventário Artístico de Portugal*." Na verdade, sem menosprezo do trabalho de outros em outras regiões, os volumes da autoria de Túlio Espanca de todos os outros se distinguem pela abrangência e segurança das informações, tudo abrangendo - cidades, aldeias, igrejas, capelas, museus, quintas, casas senhoriais e colecções particulares - com uma precisão de localizações geográficas e orientações de percursos, resumos históricos e contextuais dos monumentos e, destes, a descrição minuciosa dos espaços arquitectónicos, do património integrado, dos móveis, dos objectos de valor histórico-artístico, sua datação, classificação estilística e inúmeras informações adicionais. Um trabalho hercúleo e impressionante de dedicação e eficiente metodologia apesar dos escassos meios de que então dispunha, geralmente apenas acompanhado de um fotógrafo. Quem o conheceu pode testemunhar a sabedoria, a humildade, o respeito e a disponibilidade que lhe eram peculiares. Galardoado com vários prémios, membro, desde 1959, da Academia Nacional de Belas Artes e desde 1982 académico honorário, foi-lhe dado pela Universidade de Évora, em 1990, o grau de Doutor Honoris Causa. ■